Expectativas de desaquecimento

O mercado spot do milho iniciou em janeiro sua trajetória descendente típica do começo de cada ano, conforme se dá a colheita do produto precoce no Centro-Sul do país. Isso acontece porque, embora se trate de quantidade ainda insignificante, ela sinaliza a iminência do aumento acentuado da oferta, com a proximidade da colheita da safra de verão.

O desaquecimento gradual dos preços do milho no disponível, no início de cada ano, também se deve ao fato de que sua demanda costuma então enfraquecer, dado o menor consumo por parte da avicultura tanto de corte quanto de postura. No caso da primeira, o período de férias escolares, associado à safra de carne bovina, diminui a procura pela ave. Quanto à segunda, a maior luminosidade do período estival implica maior produtividade, aumentando a quantidade de ovos obtida nas criações.

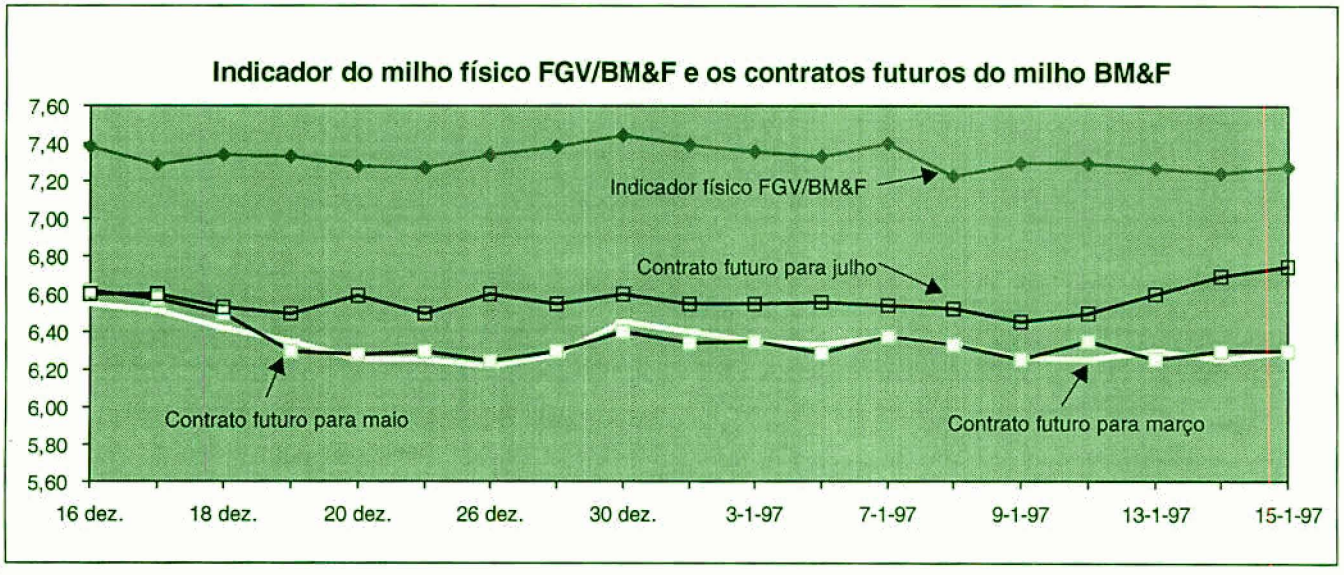
Semelhantemente, os indicadores de mercado futuro vêm-se alinhando em consonância com esse horizonte de curto e médio prazos, na medida em que a perspectiva da colheita a partir de março desaquece os preços projetados.

É interessante, por outro lado, observar que os contratos futuros para março e maio apontam para valores não só muito inferiores aos do indicador físico do mês de janeiro, como também menores do que o preço mínimo de R$6,70/60kg. Obviamente, isso significa que, aos olhos dos agentes desse mercado, a oferta durante a colheita da primeira safra deverá ser bem ampla, embora ainda seja muito cedo para se saber como deverá transcorrer o abastecimento do grão ao longo de todo o ano.

Segundo avaliação de novembro último da Conab, o estoque de passagem para a temporada 1996/97 no país deverá ficar próximo a 3,9 milhões de toneladas. Trata-se de patamar baixo, equivalente a apenas 10% — ou pouco mais de um mês — do consumo estimado para 1995/96. Embora ainda não se tenha uma estimativa oficial para a colheita da primeira safra, analistas independentes arriscam que ela poderá ser até 12% maior do que os 30 milhões de toneladas obtidos em 1995/96. Nesse caso, se a segunda safra repetisse as 3,4 milhões de toneladas colhidas no ano passado, e considerando-se que não ocorressem nem exportações nem importações, a disponibilidade total chegaria a 41 milhões de toneladas, patamar praticamente igual ao de 41,8 milhões de toneladas de 1995/96.

Por outro lado, não se pode esquecer que, em meados de janeiro, os estoques governamentais do grão foram avaliados em 4 milhões de toneladas, ou quase o dobro do inicialmente esperado. Isso pode significar uma eventual folga extra na oferta interna de milho em 1996/97, ainda não levada em conta pelos analistas desse mercado.

O xis da questão reside junto à demanda que se pode esperar para a atual temporada, dado que é do seu confronto com a oferta que se definirá a tendência dos preços. Como o segmento determinante do nível do consumo é o avícola, as atenções estarão naturalmente



voltadas para o ritmo da criação comercial de frangos ao longo do ano.

Apesar de não se terem mais do que meras especulações a respeito, a Associação Paulista de Avicultura recentemente divulgou a expectativa de que a produção dessa carne em 1997 alcance 3,5% a mais do que os 4,1 milhões de toneladas registrados no exercício precedente. Confirmado, esse percentual significaria maior pressão pelo arraçoamento em 1997 do que a do ano passado, quando a produção de carne de aves manteve-se inalterada em relação à de 1995.

Vale lembrar, porém, que os consumidores estão muito arredios a qualquer aumento no preço varejista da ave. Isso se comprova pelo fato de a diminuição de 3,5% na sua disponibilidade interna em 1996, ante a de 1995, não ter sido capaz de recuperar os preços finais, cuja média de US$1,54/kg na cidade de São Paulo entre janeiro e outubro últimos foi 3,1% inferior à de um ano antes.

Portanto, caso ocorra aumento da disponibilidade interna da carne, é de esperar que permaneça a pressão para diminuir os custos da criação avícola, com reflexo direto sobre os preços do milho.

IRENE RAGUENET TROCCOLI
EDGAR COSTA FILHO
ROGÉRIO FERREIRA DE SOUZA

CAFÉ

Um indicador de competitividade para o café arábica

A principal e mais tradicional qualidade brasileira de café, o café arábica de terreiro ou natural, hoje quase exclusivamente (92%) produzida pelo Brasil, tem como principais competidoras no mercado internacional as qualidades arábicas lavados e robustas. Sua participação no mercado mundial de café em geral e no mercado de arábica em particular tem sido declinante, representando cerca de 20% do total das importações mundiais de café[1] e 30% das importações de arábica.

Em recente estudo,[2] foram desenvolvidas algumas hipóteses sobre a capacidade de utilização dos cafés produzidos no Brasil, principalmente o arábica de terreiro. Quer o setor pretenda manter a atual participação de mercado dessa qualidade, quer queira expandi-la, é importante que comecem a ser pensadas questões tais como as possibilidades de substituição entre as diferentes qualidades no mercado mundial, níveis de preço e uma estratégia de *marketing* específica para a qualidade.

Este artigo não pretende determinar o nível correto de competitividade para o café arábica brasileiro, mas tão-somente sugerir a utilização sistemática de um indicador de competitividade para essa qualidade de café. A construção de séries temporais regulares desse indicador seria, ainda que um primeiro passo, essencial para discussões quanto ao nível de preço relativo do café arábica brasileiro.

Os três principais grupos de qualidades de café são o café natural brasileiro, os cafés lavados (*washed*) e os cafés robustas. Para essas três qualidades, existe uma longa série de preços mantida pela Organização Internacional do Café (OIC). Apesar de passíveis de críticas, principalmente quanto à formulação dos indicadores médios, as séries de preço da OIC são as melhores disponíveis. Esses preços indicativos são definidos uniformemente, isto é, em centavos de dólar por libra peso, e com base no preço oferecido para embarque imediato cotado *ex-dock*. Tomando-se o indicador médio de preço dos cafés lavados[3] (W), o indicador de preço médio de robusta[4] (R) e o preço do café brasileiro[5] (B), podemos relacionar o preço do café brasileiro a uma combinação proporcional dos outros dois preços de café, como abaixo:[6]

$$XW + (1 - X)R = B$$

[1] Média de 1990 a 1995.

[2] Abic. A demanda mundial de café: subsídios para uma política brasileira de *marketing*, nov. 1996.

[3] Other Milds Average Indicator.

[4] Robusta Average Indicator.

[5] Brazil and Other Arabicas Indicator.

[6] Em conformidade com a análise clássica de Delfim Netto (1959).